

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

O COTIDIANO E O LUGAR PARA A ESCOLA

Viviane Saad Dutra

Boletim Gaúcho de Geografia, 24: 144-146, maio, 1998.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39286/26336>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 1998

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A compilação dos documentos históricos e depoimentos orais sobre o processo irregular de ocupação da área, marcado pela crueza e miserabilidade de seus moradores, em concomitância com o descaso dos organismos de Estado representou a primeira etapa da dissertação.

A análise da legislação municipal no que concerne à proteção ambiental e aos direitos de participação dos moradores nas decisões municipais, paralelamente aos depoimentos orais sobre estes aspectos, possibilitou uma avaliação da relação contraditória existente entre leis que protegem indivíduo e natureza, e uma população desconhecidora de seus direitos. A letargia no que se refere à mobilização política e poder de reivindicar algo para sua comunidade de bairro é evidenciada.

Através das bases teóricas que estão enumeradas neste trabalho, fundamentalmente Marcos Reigota, Pedro Demo e Félix Guattari, entre outros, busca-se não só compreender essa letargia e desconhecimento como também apontar caminhos possíveis de saída.

* Professor no Departamento de Geociências / FURG.

O COTIDIANO E O LUGAR PARA A ESCOLA

Viviane Saad Dutra *

Este trabalho tem como objetivo proporcionar uma contribuição ao referencial teórico-metodológico que está sendo desenvolvido através do sub-projeto da Geografia “O Cotidiano do Ensino de Geografia nas Escolas de 1º e 2º Graus”, vinculado ao projeto de Construção da Docência, Novas Práticas na Formação dos Professores (PRO-GRAD/FINEP/96/97). Neste, alunos e professores do curso de Geografia da UFRGS desenvolvem a pesquisa que tem como objetivo apreender e compreender o cotidiano da escola pública, no seu contexto organizacional, didático-pedagógico e comunitário.¹ A partir dos conhecimentos adquiridos com a vivência do cotidiano escolar, faz-se uma análise das relações da cotidianidade com a educação e a construção do saber na perspectiva da Geografia. Esta é feita através da experiência do cotidiano que se expressa na ocorrência de relações verticais e horizontais em constante contradição. Para tanto, torna-se imprescindível uma revisão para a construção e a discussão dos conceitos adotados como norteadores do sub-projeto como: cotidiano e lugar.

Partimos para a construção do conceito de Cotidiano primeiramente a partir do dicionário, onde temos: “*Cotidiano – adjetivo – De todos os dias; que sucede e se pratica habitualmente; substantivo masculino: aquilo que se faz todos os dias; o que se sucede e se pratica habitualmente. Variação de quotidiano.*” (FERREIRA, 1969). Tendo a definição da palavra dentro do nosso idioma podemos considerar alguns aspectos do surgimento das teorias e conceituações a cerca de cotidiano.

¹ São co-autores: Daniel Váter de Almeida, Dorival J. Reis da Silva, Gilson de Lima Brisolara, Jorge Arigony Neto, Rafael Lacerda Martins, Rejane Gheno e Sandro Carravetta da Costa. São orientadores a Prof^a. Dr^a. Dirce M. A. Suertegaray e o Prof. Dr. Luís Alberto Basso

Tendo em vista as considerações a respeito de diversas correntes, vale frisar que em nossa construção, embora possamos privilegiar mais uma corrente do que outra, não pretendemos restringir nossa análise, tornando-a assim aberta a mais de uma interpretação. Na busca bibliográfica, encontramos por exemplo evidências da análise do conceito em MESQUITA (1995), onde o resgate nos leva ao hábito, contido na maioria das definições de cotidiano, e que busca a idéia de repetição, uma certa lentidão, o que explicita também uma idéia de duração. Desta maneira podemos recorrer a Lefebvre, que coloca, através de sua cotidianidade a expressão de reprodução e certas rotinas, nas quais produz-se para ele “... a experiência diária da alienação”. Estas concepções também são expressadas por SANTOS (1996), onde encontramos “...O cotidiano supõe o passado como herança. O cotidiano supõe o futuro como projeto. O presente é esta estreita nesga entre o passado e o futuro e cuja definição depende das definições de passado e futuro...”

Portanto o nosso conceito de cotidiano apresenta-se no conjunto de todas as manifestações, num determinado lugar delimitado através do espaço contínuo, por fluxos e pontualidades que expressam relações presentes, mas repetitivas em relação ao passado e previsíveis quanto ao futuro. Vistas como ações insignificantes formam um cotidiano que como Lefebvre definiu “é a experiência cotidiana da alienação”. Por outro lado, cotidiano não está em contradição com a “...espontaneidade que é uma característica da cotidianidade.” (AGNES HELLER, 1982).

Enfim, o cotidiano é muito mais. Aqui procuramos lembrar de lugar, onde precisaremos também designar o espaço. De acordo com SANTOS, 1985, o espaço pode ser definido como a soma dos componentes da natureza mais a sociedade, onde cada fração da natureza abriga outra fração da sociedade. Desta maneira podemos explicar o espaço constituído através de instâncias sociais, econômicas e culturais-ideológicas, onde elas se contêm e são contidas.

Nesse sentido concebe-se lugar como um espaço de confluência das relações verticais (influências externas-poder constituído, relações econômicas e culturais) em conexão com as relações horizontais, representadas pela função desempenhada pelos indivíduos e os grupos, os interesses, as contradições, a resistência (rigidez e plasticidade), espaços de relações harmônicas e não necessariamente harmoniosas, por que envolve tantos desiguais. (SANTOS, 1996). O lugar pode ser visto também como palco da cotidianidade, quando encarado como dimensão central do nosso cotidiano, onde por mais fortes que sejam as verticalidades, nossas horizontalidades se expressam de forma muito peculiar e, mesmo que não consigam se impor sobre as primeiras, nunca ficam apagadas. Às vezes se escondem e precisamos ser bons observadores para que elas se deixem ver atrás das verticalidades impostas pelo mundo.

Agora, vejamos, como podemos adequar nossos conceitos para a leitura do cotidiano da escola? Primeiramente percebemos a escola como um lugar que de acordo com o que foi proposto acima é um espaço de confluência de relações verticais e horizontais. Para a escola estas relações serão dadas entre as normas e as espontaneidades que, de acordo com nossa leitura, compõem o cotidiano no momento em que está, em constante contradição. Na busca da funcionalidade escolar, constróem a rotina, que, por sua vez, está calcada no imprevisto das práticas escolares.

Enfim, a escola é interpretada como o lugar onde ocorre a cotidianidade, visualizada através de suas práticas, suas rotinas, seus improvisos, suas normas e seus condicionantes físicos, que expressam usualmente a rigidez e a plasticidade de cada fator. Não podemos esquecer ainda, que, embora a escola seja compreendida como um lugar, não está isento, de forma nenhuma das verticalidades e horizontalidades externas a ela, como políticas de governo, sociedade adjacente, aspectos físicos externos e conjuntura nacional e internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- HELLER, Agnes. *Para mudar a vida: felicidade, liberdade e democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne*. Paris: L'Arche Éditeurs, 1958.
- MARQUES, Mário Osório. "O mundo da vida cotidiana e a educação". *EDUCAÇÃO E CONTEXTO*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, abr/jun 1991.
- MESQUITA, Zilá. Cotidiano ou quotidiano? In: MESQUITA, Zilá & BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Territórios dos Cotidiano*. Porto Alegre/ Santa Cruz do Sul: Ed. Da Universidade/UFRGS e EDUNISC, 1995.
- SANTOS, Milton Almeida dos et alli (org.). *A Aceleração Contemporânea: Tempo Novo e Espaço Mundo*. In: *O Novo Mapa do Mundo. Fim de século e Globalização*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton de Almeida. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- _____. "Por uma Geografia Cidadã: Por uma Epistemologia da Existência". *BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA*, nº 21. Porto Alegre/Passo Fundo: AGB-PA e Ed. Da Universidade de Passo Fundo, 1996.
- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. "O Conceito de Cotidiano – Um instrumento Metodológico ou um Modismo?" *EDUCAÇÃO E CONTEXTO*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, abr/jun 1991.

* Graduanda no Curso de Geografia/UFRGS e Bolsista PET/CAPES.